

ESCOLAS SEM MUROS: NARRATIVAS SOBRE ESCOLAS DA RESISTÊNCIA, UM RELATO DO PROCESSO TRADUTÓRIO DE UMA OBRA ALÉM-FRONTEIRAS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO*

SCHOOLS WITHOUT WALLS: NARRATIVES ABOUT SCHOOLS OF RESISTANCE, A REPORT ON THE TRANSLATION PROCESS OF A CROSS-BORDER BOOK INTO BRAZILIAN PORTUGUESE

Larissa de Souza Arruda 1

Fernanda Corrêa Pôrto 2

Rahissa Oliveira de Lima 3

Joice Armani Galli 4

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compartilhar a experiência do projeto de tradução e de revisão da tradução do livro francês “L'école sans murs: Une école de la reliance” (BLONDEAU et al, 2019). Contando com artigos de professores-pesquisadores de diversos países, a obra compartilha práticas pedagógicas para além da fisicalidade dos espaços e da tradicional instituição escolar. Diante do desafio de traduzir vivências tão heterogêneas, foi composto um grupo interinstitucional de professores, estudantes de graduação e de pós, mestres e doutores da UFF e da UFCG para traduzir, revisar e editar a coletânea, a ser publicada como livro digital e impresso no primeiro semestre de 2021. No relato de experiência aqui proposto, trazemos algumas discussões teóricas e práticas, como a suposta relação de fidelidade entre a obra francesa e a sua tradução (MITTMANN, 2013), a partir do processo colaborativo de confronto e de produção de diferentes versões em língua-alvo.

Palavras-chave: Processo Tradutório. Projeto Coletivo e Colaborativo. Escola. Tradução. Revisão.

Abstract: This article aims to communicate the experience of the translation and the reviewing of translation of the French book *L'école sans murs: Une école de la reliance* (BLONDEAU et al., 2019). Featuring articles by professors and researchers from multiple countries, the volume shares several pedagogical practices beyond physical spaces and the traditional school institution. Regarding the challenge of translating such heterogeneous experiences, it has been gathered an inter-institutional group of professors, undergraduate and post-graduate students, masters, and PhDs, from UFF and UFCG, in order to translate, review, and edit a collection yet to get published as electronic and printed books during the first semester of 2021. In this work, we bring some theoretical and practical issues, such as the alleged fidelity between the French piece and its translation (MITTMANN, 2013). Therefore, we consider the collective process of confrontation and the production of many target language versions.

Keywords: Translation Process. Collective Project. School. Translation. Reviewing.

* Todas as autoras integram o grupo de pesquisa LENUFFLE - LEtramento NUmérique da Fluminense para o Francês como Língua Estrangeira da Universidade Federal Fluminense.

- 1 Professora adjunta temporária de Língua e Literaturas de Língua Francesa da Universidade Estadual de Maringá. Doutora e Mestre em Letras Neolatinas pelo Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Língua Francesa pela Universidade Federal de Pernambuco. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2806999113601399>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3772-3734>. E-mail: larinh4@gmail.com
- 2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal Fluminense. Graduada em Letras - Inglês pela mesma universidade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1016433618710449>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9510-4202>. E-mail: fernandaportocorrea@gmail.com
- 3 Professora da rede pública do Estado de Pernambuco e do município do Paulista (PE). Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduação em Licenciatura com Dupla Habilitação Português e Francês e também no Bacharelado em Tradução de Línguas Modernas Francês ambos pela UFPE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6513653303478994>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0169-2198>. E-mail: rahissa.oliveira@gmail.com
- 4 Professora Associada II de Língua e Literaturas Francesas do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas/GLE. Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – PosLing, do Instituto de Letras da UFF, além de ser líder do LENUFFLE. Doutora em Linguística pela UFRGS . Mestre em Literatura pela PUCRS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3464471075438633>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1656-2003>. E-mail: joicearmanigalli@gmail.com

A obra-fonte e o seu projeto de tradução

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre o processo de tradução para a língua portuguesa da obra francesa *L'école sans murs: Une école de la reliance*,

organizada por Nicole Blondeau, Véronique Boy e Anthippi Potolia, professoras da Université Paris VIII Vincennes - Saint-Denis, na França. Publicada no ano de 2019 pela tradicional Editora L'Harmattan, conta com 258 páginas, organizadas em 21 capítulos, além de prefácio e posfácio.

O livro reúne uma coletânea de textos de professores de diversas áreas das ciências humanas, bem como de diversas nacionalidades como francesa, japonesa, brasileira, siberiana e canadense, que participaram do Colóquio Internacional bilíngue francês/russo intitulado *A escola sem muros: outra relação entre a pessoa e o meio ambiente no espaço e no tempo*, realizado em novembro de 2013, na Université Paris VIII Vincennes - Saint-Denis. Desse evento, essencialmente intercultural e polifônico, originou-se os artigos que dão corpo ao material supracitado, onde também professores com distintas experiências de trabalho e de vivências em escolas de localidades remotas nos quatro cantos do mundo puderam expor suas contribuições para cada uma das comunidades representadas. De fato, como sugere o título da versão brasileira (ainda no prelo) *Escolas sem muros: narrativas sobre escolas da resistência*, as narrativas ali apresentadas trazem relatos de mundos diferentes, admiravelmente heterogêneos, mas com uma única ponte que os conecta: a crença na mudança e na melhoria social através da educação, compreendida como algo que vai muito mais além das fronteiras estabelecidas pelos muros da escola.

Nesse sentido, a fronteira aqui é vista como uma barreira a ser transposta, como um lugar de encontro de “si” com o “outro” e, portanto, um lugar de expressão de diversidade identitária. Culturalmente, o contexto de fronteira impõe, no entanto, a ideia de divergência, de separação, de distanciamento. O livro cuja tradução revisamos mostra-se como prova da possibilidade de ultrapassarmos barreiras através dos saberes e do ensino; trata-se de um verdadeiro elo.

Na contracapa da obra francesa, as organizadoras trazem a seguinte reflexão:

“Como fazer desaparecer os muros invisíveis que separam as escolas do seu ambiente? Como fazê-la tornar-se “uma escola sem muros”, na perspectiva das escolas que defendem “a vida na escola e a escola na vida”? Como testemunha esta obra, o conceito de “escola sem muro” reconsidera o lugar da escola e se propõe a instaurar um diálogo para além dos espaços ocidentais e urbanos que conhecemos, para solicitar a colaboração de pesquisadores e profissionais da Sibéria oriental, do Japão, de espaços autóctones do Brasil e para tornar visíveis as abordagens de alguns pesquisadores-pedagogos de países, para alguns já amplamente mestiçados. A noção de ambiente é subjacente a este debate”.¹

Para as organizadoras, ampliar o debate para além dos espaços ocidentais e urbanos partilhados e tornar visível aquilo que faziam pesquisadores-pedagogos de países tão diversos serviu para mostrar a possibilidade de ancorar a escola em um espaço de vivência real, sem fronteiras, sem limites, sem muros. Uma coletânea com variadas abordagens pedagógicas e realidades de vidas tão plurais também nos remeteu à realidade educacional do nosso país - imenso de norte a sul, e permeado de tradicionais comunidades indígenas e quilombolas, de comunidades precárias

¹ Texto original da contracapa: “Comment faire disparaître ces murs invisibles qui coupent les écoles de leur environnement ? Comment faire en sorte qu’advienne « une école sans murs », dans la lignée des écoles prônant « la vie à l’école et l’école dans la vie » ? Ainsi qu’en témoigne cet ouvrage, le concept d’« école sans murs » réinterroge la place de l’école et propose d’instaurer un dialogue au-delà des espaces occidentaux et urbains que nous connaissons, de solliciter des chercheurs et praticiens venant de Sibérie orientale, du Japon, d’espaces autochtones du Brésil, et de rendre visibles les approches de quelques chercheurs-pédagogues de pays pour certains déjà largement métissés. La notion d’« environnement », qui oscille à la lisière du virtuel et du matériel, des espaces naturels et culturels, est sous-jacente à ce débat.”

em favelas esquecidas pelo poder público. E ainda nos fez/faz pensar sobre a relevância que a escola possui para a formação crítica humana, sobretudo uma escola que não crie muros, mas que os destrua, que seja possível e acessível a todos.

Foi nesse contexto que surgiu o projeto de tradução para o Brasil, iniciado pelo grupo de pesquisa Laboratório de Estudos de Letras e Linguagens na Contemporaneidade (LELLC), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), já que esta possui convênio com a Université Paris VII Vincennes - Saint-Denis. Posteriormente o LEtramento NUMérique da Fluminense para o Francês como Língua Estrangeira (LENUFFLE²), da Universidade Federal Fluminense (UFF) viria a somar forças nesse trabalho hercúleo que abarca a tradução de uma obra dessa grandeza.

Diante dos cortes e do desmonte direcionados à educação pública nos últimos anos, cabe a nós, enquanto pesquisadoras da área de educação e das letras, não apenas resistir, mas contra-atacar. Ao defendermos a escola como lugar de diversidade, de pluralidade e de transformação social, uma vez que acreditamos, pois, que compartilhar tais textos com a comunidade científica brasileira é uma contribuição que ofertamos como um sopro de respiro, de inspiração e de esperança.

Foi dessa forma que membros desses dois grupos de pesquisa, deram início ao projeto, no primeiro semestre de 2020, após aprovação em assembleia dos colegiados dos respectivos Programas de Pós-Graduação. O que significa dizer que o projeto deu-se de maneira interinstitucional, unindo dois diferentes programas de pós-graduação de

instituições federais brasileiras, contemplando, assim, uma das metas da CAPES quanto aos processos de transnacionalização. É ainda relevante mencionar que as organizadoras da versão brasileira da obra desenvolvem pesquisas no âmbito da linguagem, da literatura e das políticas educacionais, e puderam se unir para a consolidação desse trabalho.

Ao longo da primeira metade de 2020, a proposta foi contemplada com o Edital de fomento à publicação para docentes do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFF. Simultaneamente, a UFCG apresentou o projeto da tradução bem como sua publicação em versão digital ao colegiado da pós-graduação, e ambos foram unanimemente aprovados. Atualmente, aguardamos os ajustes finais para o lançamento da obra traduzida tanto na modalidade impressa como na digital ao longo dos primeiros meses do corrente ano, conforme mencionado anteriormente.

O processo de tradução e revisão: fronteiras e escolhas linguísticas

Em nossa trajetória enquanto revisoras, tivemos uma primeira “crise de identidade”. Revisar algo traduzido por nós mesmas, ou realizar uma autorrevisão, é tarefa árdua, afinal a segunda leitura de um texto já é uma segunda escrita. O que dizer da revisão de um texto traduzido por outrem? Algumas vertentes dizem haver correspondências imediatas ou bastante aproximadas entre as línguas, o que faz com que esse pareça um exercício banal: a tarefa se reduz à revisão do texto em língua-alvo, como já foi traduzido, e àquilo que faz ou não sentido na leitura de um texto em sua Língua Materna (LM).

Nosso grupo, o LENUFFLE, composto por pessoas de diferentes origens nas Letras, mas com a formação em Línguas Estrangeiras (LE) em comum, tomou um caminho menos óbvio, mas não menos técnico: decidimos realizar a revisão da tradução em permanente cotejo com o texto francês. E foi o que nos levou à primeira crise metodológica: estamos nos dedicando à tradução ou à revisão? De início, as supostas atribuições de um tradutor seriam fazer uma leitura do texto em LE, conceber uma primeira tradução e realizar uma releitura do material. Já ao revisor, caberia concentrar-se de fato no texto traduzido, a fim de observar se seu conteúdo se sustentaria por si, como descrevemos anteriormente. Mas ao preferirmos adaptar e ampliar a metodologia de revisão,

2 Esse grupo de pesquisa, originalmente criado na Universidade Federal de Pernambuco, em 2012, passou a compor do quadro institucional da Universidade Federal Fluminense, adaptando-se ao novo contexto de demandas investigativas e adaptando igualmente sua sigla, que incorpora curiosamente o acrônimo desta IFES (Instituição Federal de Ensino Superior) brasileira, qual seja: Lettrisme Numérique de la Fluminense pour le FLE – LENUFFLE. Para mais informações, favor consultar a página do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/467257>.

chegamos à conclusão de que tínhamos que manter o contato com os textos em francês também, uma vez que a ideia de “autossuficiência” pode mostrar-se como um conceito subjetivo: um texto estrangeiro é obviamente cabível de ser reescrito em uma língua-alvo, mas corre-se sempre o risco de algum registro incorrer em excessiva literalidade ou mesmo escapar durante uma adaptação/ interpretação/tradução

individualmente realizada. Sendo assim, além de estabelecer uma aproximação mais direta entre os textos-fonte e as traduções recém produzidas em português, acolhemos a noção de duplo estranhamento como guia de nossas revisões. Mais adiante, aprofundaremos a descrição dessa acolhida.

O papel da revisão assume um peso importante com o duplo estranhamento. O revisor passa a ser, em certa medida, parte estrangeiro de sua própria língua e parte nativo da LE. Ao confrontarmos parágrafo por parágrafo - um em língua - fonte e o outro em língua-alvo - cabe a nós ponderar, por exemplo, se um dado registro pode ou não ser traduzido literalmente, se há variados sentidos ou até mesmo alguma incongruência revelada no português, se algo semanticamente não se sustenta ou se haveria perdas caso não contássemos com a possibilidade de verificação do texto-fonte.

E aqui é importante comentar sobre o conceito de nativo enquanto detentor de todo o saber linguístico de sua LM e o de estrangeiro como aquele que nunca terá todo o conhecimento da LE. Manter o estranhamento em sua LM e ter a certeza em LE mostrou-se um desafio. Por isso, os “eus” individualistas ditos ao longo desse projeto foram muito poucos. Em nossa metodologia, as leituras passavam sempre por no mínimo três pessoas. Realizar algo em grupo e com pesquisadoras de diferentes contextos de trabalho e vivências foi essencial para o desenvolvimento de uma revisão coesa. Falamos aqui de ultrapassar as fronteiras dos diferentes “eus” para construir um trabalho coletivo e colaborativo que resultou em um texto que parece um pouco com todos nós.

Ainda que pareça paradoxal, a confluência de diferentes discursos e o trabalho no limiar de cada um deles foi o que resultou na coesão de nosso trabalho. Cada membro com sua experiência e vivência se via confrontado com o outro. Por isso a importância de ver a fronteira como metáfora da tradução e revisão que realizamos: a fronteira é um território entre mundos. A tradução também. E no processo colaborativo o território entre mundos se torna mais plural ainda. Para ser coeso e coerente passamos por debates intermináveis, adequação de diferentes visões e tomadas de decisão para fincar as escolhas linguísticas feitas. A pergunta de base do grupo de pesquisa sempre gravitou em torno da noção de ‘fidelidade’ tão debatida quanto complexa nos estudos da tradução. Assunto ainda longe de ser esgotado, porque a linguagem, é uma fonte inesgotável de estudos, tínhamos algumas perguntas como a) o quão fiéis seríamos ao texto de base? ainda que o referido texto-fonte muitas vezes nem fosse aquele que nos era apresentado, mas tinha sido escrito inicialmente em russo ou em japonês. Para responder a essas inquietações, e igualmente para justificar mais à frente nosso *modus operandi*, gostaríamos de voltar um pouco no tempo e comentar sobre a visão de Aubert (1985).

Esse autor preconiza três tipos de mensagem a serem consideradas no exercício de uma tradução, quais sejam: a mensagem pretendida (o que o emissor quis dizer); a virtual (conjunto de leituras possíveis a partir do material linguístico); e a efetiva (a que se concretiza na leitura do tradutor). No caso de nosso grupo, o confronto entre diferentes mensagens virtuais (as nossas e as do tradutor) para chegar a uma mensagem efetiva, não só nos deu mais segurança em nosso duplo estranhamento como também nos instrumentalizou sobre o quanto um trabalho antes considerado tão solitário e técnico pelo imaginário da academia pode ser árduo, mas também recompensador, coletivo e colaborativo. É ainda relevante destacar que um texto nunca está completamente finalizado quando se trata de tradução: a mensagem virtual pode sempre mudar, ser relida e levar a modificações nas mensagens efetivas.

Essa perspectiva do confronto encontra respaldo no que diz Solange Mittmann (2003, p. 36) sobre a perspectiva contestadora:

Na perspectiva contestadora, a exterioridade é fundamental para a análise da tradução, já que a tradução se dá a partir da interpretação pelo tradutor, o que ocorre em condições

específicas, e o texto da tradução, como produto, só pode ser analisado quando posto em relação ao processo que o produziu, quer dizer, ao tradutor e às condições a que este está exposto - ideologia, visão de mundo, padrões estéticos etc.

A mencionada comparação entre diferentes experiências que enxergam o material linguístico de acordo com os processos sociais que o produzem foi essencial para a nossa dinâmica de trabalho. A ideia de que o texto traduzido é um conjunto de decisões políticas (termo aqui empregado em seu sentido mais abrangente) tornou-se nítida em situações práticas durante os processos de tradução/revisão de *L'École sans murs*. A título de ilustração, propomos um breve exercício com exemplos de nossa prática. Ao encarar as palavras *patrie* — *fédération* — *pays*, o tradutor isolado e o revisor que só está atento ao texto em sua língua-alvo não levariam muito tempo para tecnicamente “resolver o problema”. As traduções seriam “pátria”, “federação” e “país”, respectivamente. Entretanto, ao falarmos de escola sem muros na vivência de uma comunidade da lacútia, na região siberiana, é preciso mobilizar outros conhecimentos a serem analisados. Um deles é o fato de que além de “pátria”, o texto menciona a Federação Russa e a República como algo diverso da pátria-mãe ao colocar esses dois nomes com letras maiúsculas, além de os diferenciar do que seria o *pays*. A palavra, nesse caso, não é “país”, mas sim “região”, em língua portuguesa, pois ‘país’, em nosso idioma, tem outro contexto histórico-geográfico de uso.

Tais escolhas podem até ser lidas como menores, mas demandam um olhar atento ao longo dos trabalhos de tradução/revisão. Para as seleções lexicais, a extensa pesquisa

também foi nossa aliada, sobretudo ao tratarmos de adjetivos pátrios e gentílicos. A proposta de uma escola sem muros é a ideia de que o meio de vivência local se sobrepõe sem deixar de se conectar ao global. O destaque dado ao local, assim, nos ofertou a instrução sobre lugares e povos aos quais parcamente tínhamos acesso. A própria lacútia, a Buriácia e os evenques enriqueceram nossas perspectivas de mundo e, conseqüentemente, nossas escolhas linguísticas - permeadas de uma boa quantidade de notas de rodapé, uma vez darem conta de relatar sobre esses povos e localidades aos futuros leitores. A propósito, ‘evenque’ é o nome dado a um dos povos nativos do norte da Ásia na Rússia.

Outra circunstância também considerável foi o das inúmeras palavras empregadas para articular a temática da educação. Dentro de textos vindos da França, da Rússia e do Japão (esses últimos, inclusive, traduzidos de suas respectivas LM para o francês, o que fez de nossa tarefa uma terceira tradução do texto como comentado anteriormente), as palavras *enseignement* — *éducation* — *pédagogie* — *apprentissage* — *apprenti* — *apprenant* - *étudiant* — *élève*, que nunca nos causaram estranhamento e seriam facilmente traduzidas como “ensino”, “educação”, “pedagogia”, “aprendizagem”, “aluno” “aprendiz”, “estudante” e “aluno”, nos levaram a refletir sobre as diferentes formas de dar nome às coisas. Destaque nesse ponto para a palavra *apprenti*, que deixou de lado a visão tecnicista da palavra “aprendiz”, em português, e ganhou a tradução de “aprendente” bem ao gosto dos portugueses que vêem nesse termo uma noção processual.

Dentro desse bojo, por fim, o episódio mais significativo: o emprego da palavra *école*. Ao falarmos de “escola sem muros”, todo cuidado é pouco. O texto faz referência à materialidade física, à edificação da escola, ou a uma instituição social? O que comunica cada texto? E de que modo? E foi um rastro linguístico que talvez em outra vivência não provocasse conflito que nos foi crucial para fazer uma escolha: o nome *école* se encontrava na grande maioria das vezes no singular o que nos levou a compreender que a escola era muito mais essa ideia de instituição social que ultrapassa o prédio escolar, o qual representa na verdade uma fronteira entre a realidade social - e o quanto se pode aprender com ela - e os sujeitos que até lá se dirigem para muitas vezes apreender vazios.

Essa experiência profunda do duplo estranhamento perante desafios que antes nos pareciam tão mais inteligíveis e instantâneos, até mesmo óbvios agora nos impele à atenção redobrada e à constatação prática do que afirmou Revuz (1998, p. 223): “O que estilhaça o contato com a língua estrangeira é a ilusão de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação da palavra à coisa”. E essa mesma adequação da palavra à coisa passa por diversos filtros. Na verdade, não é possível uma adequação direta à coisa, mas sim as adequações aos filtros. A seleção e a gerência da palavra, da estrutura sintática e do desdobramento de um parágrafo em dois é fruto de reflexão, de

pesquisa e de apropriação do texto.

Ser fiel não é traduzir a coisa. Ser fiel a um texto é ter em mente que o material é fruto de um exercício político de posicionamento. A suposta fidelidade do tradutor, assim, deve ser a de, nos momentos de escolha, apropriar-se do que compreende e absorve dessa disposição do autor no mundo em que habita. Afinal, os processos combinados de tradução e revisão são também tangenciados por um exercício de criação e de recriação de um texto lido. Como afirma Serrani-Infante (1998, p. 247): “[...] ao tomar a palavra somos tomados pela língua”. Ou seja, tal ato nos permite ter o conhecimento do que é nossa LM e preencher aquilo que reconhecemos como estrangeiro. Também nos outorga ser estrangeiros de nós mesmos e nos sentir em casa em outro lugar. Traduzir e revisar, assim, para além das tecnicidades das funções, são um lembrete de que a língua é porto e barco simultaneamente.

Da fidelidade

A partir do conceito de fidelidade, cunhado anteriormente, resgatamos Arrojo em seu *Oficina de Tradução: a teoria na prática*, no que toca a recorrente mobilização do termo para relacionar o ofício do tradutor e a avaliação da qualidade de uma tradução. Para a autora:

[...], nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será [...] sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos” (2007, p.44).

Ou seja, ao revisar um material traduzido ou mesmo reescrever todo o texto em língua-alvo, fruto de um árduo processo tradutório, é preponderante lançar mão da noção de que “original” também é característica das interpretações fomentadas pelo texto de partida. Isto é, sendo a tradução um trabalho criativo *per se*, o que precisa orientar o tradutor-leitor e aqueles que o seguem é a dimensão do entendimento que quaisquer escritos incitam, e que produzirá um material original em sua constituição. Traduções não são, assim, propostas de cópias fiéis que aprisionam sentidos ou os transportam de uma

língua para outra. E exatamente por isso, por estarem dentro de um espectro criativo, são textos vivos e sempre cabíveis de releituras, mas que também evidenciam as particularidades sensíveis das pessoas e do tempo que o inauguraram. Para tanto, Arrojo ainda acrescenta: “Além de ser fiel à leitura que fazemos do texto de partida, nossa tradução será fiel também à nossa própria concepção de tradução” (Ibid., p.44).

Com essa ideia em mente, nos propusemos à revisão cotejada da tradução de École *sans murs* não a partir de uma posição crítica ou mesmo incisiva ao texto em língua-alvo, mas sim de um esforço de leitura das muitas vozes que nele se exprimem. Entre as de pesquisadores em seus relatos acerca da escola e da educação de seus locais de origem, também se encontram em cada um dos capítulos as vozes de seus tradutores e de suas interpretações (arraigadas no tempo que os insere e nas perspectivas que os orientam). De tal forma, é preciso nos atermos à noção de que a fidelidade de uma tradução mora nas leituras que um tradutor — e, nesse caso, também um revisor —, apreendem da matriz do texto a ser traduzido. Finalmente, do que ambos concebem da própria prática tradutória.

Ainda recuperando Arrojo, cabe mencionar a imagem exemplar do *palimpsesto* e de todo o desempenho que teve para os nossos ofícios. Do grego “raspado novamente”, o termo norteou os esforços em reunir as leituras e as releituras cabíveis em uma tradução polifônica porém coesa, vasta em diversidade de conteúdo e até mesmo de forma: “Metaforicamente, [...] o ‘palimpsesto’ passa a ser o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do ‘mesmo’ texto” (Ibid., p. 23-24). Nesse tom, é relevante destacar que não houve necessariamente um movimento de épocas entre

as releituras ali presentes e realizadas por tradutores e revisores de tradução, mas definitivamente de apreciações e de olhares para com os textos em francês sobre os quais nos debruçamos. Em outras palavras, permitimos-nos exercer o exame acurado das muitas camadas presentes e de sugerir outras tantas, de maneira a conduzirmos o artesanato da soma de perspectivas que dessem corpo a um texto em língua-alvo uno e, simultaneamente, amplo.

Tendo por norte, enfim, a tradução como um ato criativo, interpretativo, colaborativo de reescrita, coube a nós, revisoras em coletivo — e de antemão pré-dispostas à contemplação sem juízos mecanicistas —, flexibilizar a ideia de originalidade que constantemente vem à tona no contato incauto com materiais traduzidos e vertidos.

A tradução, como leitura, deixa de ser, portanto, uma atividade que protege os significados ‘originais’ de um autor, e assume sua condição de produtora de significados, mesmo porque protegê-los seria impossível (...) (ARROJO, 2007, p. 24).

Quer dizer, foi preciso elevar a amplitude de alcance dos significados de uma língua para a outra, ao invés de empreendermos uma vigília frustrada sobre a transposição deles do francês para o português brasileiro. Como idiomas diversos que são, de vivências culturais e universos simbólicos heterogêneos, entendemos a figura do tradutor como alguém que não aprisiona os mesmo significados termo a termo, por meio de uma dinâmica dura e contida. Ao invés disso, procuramos vislumbrar nas soluções tradutórias uma originalidade geradora de significados outros em nossa LM, que dessem conta de ilustrar conceitos, subjetividades e essências observáveis e advindos da LE.

Considerações Finais

A fronteira vai além do geográfico. Durante nosso trabalho, enquanto tradutores e revisores, pudemos observar o quanto o processo de escolha linguística nos deixa no limiar entre duas línguas, no limiar entre o “eu” e o “outro”. Ao passo que LE e LM nos fazem pensar sobre nossos confrontos políticos, estéticos e sociais, a obra traduzida também traz em sua produção outras fronteiras e outros muros.

A ideia de lançar o livro em dois suportes, digital e impresso, por exemplo, encontrou “muros” até conseguir transpor fronteiras. O Brasil passa por um momento de desvalorização de políticas públicas educacionais. E a busca por incentivos e editais tornou-se uma força-tarefa imensa que nos fez por vezes mudar a rota, a fim de conseguir trazer para o contexto de nosso país um livro que acreditamos ser pertinente ao momento em que vivemos.

Junto ao desmonte da educação, temos o projeto de despertamento dos cidadãos de seu local: um projeto neocolonial. Ao não se sentir dono nem participante do lugar, o indivíduo se vê como um ser entre fronteiras que não se sente integrado sob o véu de uma globalização que supostamente todos abrange. O patrono da educação brasileira, Paulo Freire, contribuiu inestimavelmente para compreendermos a educação como um processo contextualizado. Significa dizer que a leitura do mundo precede à leitura das palavras enquanto grafia e que tais processos não podem, então, ser apartados (FREIRE, 1989). Subverter a educação bancária e levar a escola para além dos muros institucional e tradicionalmente impostos, e inseri-la no seio de uma comunidade, é contribuir para o sobrepujamento de problemas socioculturais que inibem o alcance da liberdade no agir social.

Entre os textos lidos da obra com que trabalhamos, encontramos diferentes relatos da escola além dos muros que falam da relação integrada entre o ser humano, o meio-ambiente e os povos originais. Tais textos nos ensinam que além de pertencer ao local, o ser humano o integra de forma colaborativa.

Dando ressonância a esse aspecto de escola sem muros, outro ponto que gostaríamos de ressaltar é a importância da natureza coletiva e colaborativa de nosso trabalho. Além das fronteiras linguísticas e políticas, as fronteiras do indivíduo foram transpostas para que houvesse o confronto e a partilha de nossas diferentes visões. O texto e a escola também são espaços de fronteiras, e nos

cabe a missão de respeitá-las, saber como ultrapassá-las e com elas bem conviver.

Referências

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2007.

AUBERT, Francis Henrik. A fidelidade no processo e no produto do traduzir. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, n.14. p.115-119, jul./dez, 1989.

BLONDEAU, Nicole; BOY, Véronique; POTOLIA, Anthippi. (orgs.). **L'école sans murs: une école de la reliance**. Paris: L'Harmattan, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23ª ed. São Paulo-SP: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 4).

MITTMANN, Solange. **Notas do tradutor e processo tradutório: Análise e reflexão sob uma Perspectiva Discursiva**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003, p. 36.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um lugar e o risco do exílio. Tradução de Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 213-230.

SERRANI-INFANTE, Silvana M. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 231-164.

Recebido em 10 de fevereiro de 2021.

Aceito em 12 de janeiro de 2022.